

*Profª. Maria de Lourdes Monaco JANOTTI*

Não podemos deixar de pensar, nesta tarde, no sentido da memória. Estamos em um ambiente físico que guarda todas as nossas memórias com respeito à nossa formação, à nossa época de estudantes. Estamos trabalhando numa sessão especial sobre memória, sobre a qual o Prof. La Corte dizia há pouco, brincando, ao Prof. Petrone, que ele saía da Geografia e entrava hoje na História.

Mas não é só brincando. Realmente, pela própria teoria da memória, é nesse momento que se inicia todo um processo no qual a memória acaba se transformando pela história. Estou falando do sentido da memória como entende Maurice Halbwachs, sociólogo francês. Assim, nós compartilhamos de uma memória coletiva, de conjuntos de recordações, e é nesse sentido que orientei o meu depoimento.

Essas recordações partilhadas por diferentes grupos, na verdade, formam a grande memória que o ser humano possui de si mesmo, das vivências que ele acaba por acumular na sua existência.

Evidentemente, enquanto subsiste esse grupo de lembranças, como é o nosso caso, a vida, a história de uma vida é uma recordação. Mas à medida em que este grupo vai se esfacelando e o registro desta vida se torna uma narrativa oral ou escrita que vai passando a outras gerações, termina o ciclo da memória e começa o ciclo da história.

Hoje nós estamos começando esse ciclo. Dentre os grupos de lembranças coletivas do Prof. Petrone, eu tenho o privilégio de

Maria de Lourdes Monaco Janotti

pertencer a dois deles: o da memória afetiva, da amizade familiar que nos une, e o da memória do trabalho, mais especificamente de uma experiência profissional que tivemos a oportunidade de realizar nos anos de 77 e 78. Sobre esse último conjunto mencionado é que vou me ater.

Em 1977, estávamos todos empenhados na luta contra a disciplina Estudos Sociais. Todos nós da Faculdade de Filosofia, de uma forma ou de outra, participávamos de encontros, mesas redondas, íamos aos jornais, combatendo esta disciplina artificialmente criada, e que extinguiu as áreas autônomas da História e da Geografia.

Nesse momento, nós fomos tentados, por uma proposta que adveio da Profa. Maria de Lourdes Mariotto Aidar, da Faculdade de Educação, então à frente da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Por que fomos tentados? Porque a meio de toda aquela luta que evidentemente estava vinculada ao início da abertura da ditadura no Brasil, ela acenava com uma possibilidade. E uma possibilidade bastante sedutora para todos nós. De um lado oferecia-nos o planejamento do ensino de 1º e 2º graus desde a 1ª série até o fim do curso secundário. Por outro lado, prometia-nos que o 2º grau não mais teria uma disciplina Estudos Sociais, pois já havia sido aprovada a reforma que reinstituía no 2º grau o estudo independente da História e Geografia. Assim, nós teríamos então a oportunidade, no 1º grau, de procurar introduzir desde a 6ª série um programa específico para as duas disciplinas, visto que já as havíamos introduzido autonomamente nas 6ª, 7ª e 8ª séries. Forçaríamos a situação, criando de fato um programa no qual estas disciplinas, embora coordenadas, tivessem uma metodologia e um procedimento individual.

Foi realmente uma proposta bastante sedutora e, ao mesmo tempo, politicamente muito complicada, pois estávamos todos na luta

contra Estudos Sociais, estávamos resistindo a esta área e, no entanto, aceitamos colaborar com a reforma do ensino no Estado de São Paulo. Sabíamos destas dificuldades iniciais e hesitávamos. Naquela circunstância em que imperavam ânimos e emoções fortes, o Prof. Petrone fez um pronunciamento muito significativo. Dizia-nos ele que era mais importante conseguirmos um espaço para forçar o retorno da História e Geografia do que ficarmos totalmente à parte do processo de reforma curricular.

Dessa forma, formou-se um grupo de pessoas tanto da Faculdade de Filosofia quanto do ensino secundário: professores Pasquale Petrone e José Bueno Conti, da Geografia, Elza Nadai, da Faculdade de Educação, Suely Robles Reis de Queiroz, Laima Mesgravis e eu da História e dos professores secundários Enezilda de Lima, Sueli de Moraes, Eduardo Paulo Berardi e Zilda Márcia Gricoli Iokoi, hoje professora na Universidade.

Bem, o trabalho do Prof. Petrone nesse grupo foi fundamental por todos os aspectos que se possa imaginar. Era ele, dentre nós, a pessoa com mais acúmulo de conhecimentos, com mais experiência, com uma circularidade dentro das matérias que compunham tradicionalmente o currículo. Deu-nos uma excelente lição de vida. Com paciência infinita ouvia toda nossa argumentação. Aquelas discussões intermináveis porque nós achávamos que nossa proposta ia modificar totalmente os destinos do ensino no Brasil. Mal sabíamos nós o quanto, posteriormente, iríamos ser duramente criticados.

Mas o Prof. Pasquale participava de todos os encontros não faltando a nenhum e, principalmente, sempre levando a sua tarefa, impecavelmente como se ele estivesse na mesma altura intelectual dos demais que apenas estávamos começando.

Maria de Lourdes Monaco Janotti

Essa simplicidade já mencionada pelo Prof. La Corte foi sempre o que mais me encantou na atitude profissional do Prof. Petrone, pois ele cedia mediante ponderações procedentes, ouvia com absoluta paciência, discutia aqueles pontos mais nevrálgicos de desentendimento, trazia o seu trabalho já anteriormente discutido com o Prof. Conti, participava como um verdadeiro membro da equipe, em nenhum momento recorrendo à sua posição, até hierarquicamente falando, muito superior à nossa na Universidade. Aceitava e valorizava as contribuições.

Esse trabalho desdobrou-se em várias publicações em que fomos co-autores. Não só nós pudemos fazer a proposta curricular de 5ª à 8ª série, como também a do 2º grau. Juntamente com o Prof. Aldo Janotti tivemos a oportunidade de publicar um livro intitulado *Por um ensino melhor*, cujo objetivo era sugerir aos professores do 1º grau algumas abordagens e atividades referentes às noções de Tempo e Espaço. Naquela ocasião achávamos que o trabalho que estávamos fazendo era talvez o menos significativo de todos no conjunto daquela vasta reconsideração do papel da História e da Geografia na formação das crianças e dos jovens. No entanto, o Prof. Petrone, mais uma vez, nos surpreendeu pela excepcional formação pedagógica e didática que revelou às mais modernas técnicas do ensino que naqueles anos se dizia renovador. Insistia também naquilo que nós historiadores sempre pretendemos ver aplicado à aprendizagem: a compreensão do texto, a leitura dos mapas, a orientação. Tudo isto, dentro de propostas didáticas totalmente inéditas. Mal sabíamos nós, que este seria um dos livrinhos mais editados pela Secretaria da Educação.

Embora nos dez minutos que me foram concedidos eu não possa falar com todos os detalhes de nossas propostas pedagógicas, gostaria apenas de mencionar alguns que a memória ainda mantém com nitidez. A maioria do nosso grupo era de pessoas formadas em Histó-

ria e imaginávamos que o Prof. Petrone fosse defender um espaço maior para a Geografia como estávamos empenhados em fazê-lo para a História, pois tínhamos que fazer a integração destes conhecimentos na área de conhecimento denominada Estudos Sociais, mas como disciplinas autônomas.

Sem se preocupar com o número de tópicos programáticos específicos de cada disciplina, o Prof. Petrone fez as mais expressivas sugestões de integração da História com a Geografia. Os historiadores pouco sabiam de como relacionar alguns temas mais complexos de sua disciplina com o conhecimento geográfico, e o Prof. Petrone, pacientemente, ouvia as nossas tentativas e depois apresentava soluções, demonstrativas de sua vasta formação humanística.

Essas propostas de integração publicadas pela CENP até hoje são utilizadas, e não apenas em salas de aula do ensino secundário, mas também em diversas teses e dissertações que tive oportunidade de orientar.

Minhas lembranças desses dois anos são de uma convivência muito rica e muito agradável. Recordo-me ainda das exemplares bibliografias apresentadas pelo Prof. Conti e pelo Prof. Petrone. Em nenhum momento pensaram na perspectiva de diminuir ou simplificar as exigências do conteúdo científico perante a formação deficitária dos professores do 1º grau. Isto foi muito importante porque não concordávamos com a licenciatura curta e com aquele tipo de pensamento, muito comum na época, de que para lecionar no 1º grau o professor poderia ter uma formação meramente razoável. Pelo contrário, esforçava-se o Prof. Petrone em apresentar para os temas, aparentemente mais simples, uma sofisticada e rica bibliografia. Diga-se de passagem, eu não poderia esquecer neste momento, que também da parte dos estudos históricos, as bibliografias apresentadas pela

Maria de Lourdes Monaco Janotti

Profa. Laima Mesgravis até hoje se constituem para mim em fontes de recorrência.

Terminando este depoimento, é importante registrar que essa aproximação com a sociedade e com o ensino de 1º e 2º graus não era muito comum entre os professores da Faculdade de Filosofia, principalmente os portadores de títulos como os que possuía o Prof. Petrone. Isto muitas vezes era considerado um trabalho menor, algo que atrapava a pesquisa e que não era tão significativo para o currículo, conseqüentemente, apenas os professores iniciantes dedicavam-se a essas tarefas.

Sempre houve da parte do nosso querido Professor e, aliás, de toda equipe, a preocupação de mostrar a relevância que o ensino de 1º e 2º graus deve ter no interior de nossa Universidade.

Por isso tudo eu agradeço muito a ele, por nos ter ensinado como o verdadeiro professor se debruça sobre qualquer nível de ensino com o mesmo cuidado, com a mesma competência e conservando a alegria da descoberta e da inovação.